

DRIBLES, DANÇA E DIPLOMACIA: O POP SUL-COREANO E O BASQUETE ESTADUNIDENSE COMO FERRAMENTAS DIPLOMÁTICAS PARA A COREIA DO NORTE

DRIBBLES, DANCES, AND DIPLOMACY: SOUTH KOREAN POP AND THE U.S. BASKETBALL AS DIPLOMATIC TOOLS FOR NORTH KOREA

Aline Mendes¹

Thaís Viana²

Alana Camoça Gonçalves de Oliveira³

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil

Resumo: O objetivo central deste artigo é apresentar e analisar as iniciativas de diplomacia cultural voltadas para a Coreia do Norte por meio de dois estudos de caso: A diplomacia do K-Pop da Coreia do Sul e a diplomacia do basquete dos Estados Unidos. Ao examinar as estratégias de diplomacia cultural de dois países, cujas relações com a Coreia do Norte são marcadas por atritos, este estudo reflete sobre a importância de considerar o papel da cultura na construção de laços entre as nações e na promoção do diálogo entre elas. Para tanto, as autoras discutem o conceito de diplomacia cultural como uma ferramenta e realizam pesquisas qualitativas.

Palavras-chave: Diplomacia Cultural. Coreia do Norte. Coreia do Sul. Estados Unidos.

Abstract: This article seeks to present and analyse cultural diplomacy initiatives directed at North Korea, focusing on two case studies: South Korea's K-Pop diplomacy and the United States' basketball diplomacy. Through an examination of the cultural diplomacy strategies employed by these countries, which have tense relations with North Korea, the study underscores the significance of culture in fostering dialogue and forging connections between nations. The authors discussed the concept of cultural diplomacy as a tool and conducted qualitative bibliographical research in order to accomplish this aim.

Key-words: Cultural Diplomacy. North Korea. South Korea. United States.

DOI:10.29327/2293200.15.2-9

Recebido: 08/05/2024

Aprovado: 13/06/2024

¹ aline_ms@id.uff.br

Orcid: 0000-0003-3189-0512

² thaís.viana298@gmail.com

Orcid: 0000-0001-7986-2006

³ alana.camoca@uerj.br

Orcid: 0000-0003-0330-3368

Introdução

A Coreia do Norte é reconhecida como um dos países mais isolados do mundo, frequentemente retratado pela mídia internacional como uma nação cujas dinâmicas contrastam com os princípios internacionais, como democracia e direitos humanos (Park, 2000). Além disso, o país também suscita preocupações devido à sua posse de armas nucleares e aos seus testes de mísseis. Essa condição posiciona o ator como um país “anormal” ou “rebelde” no cenário internacional, sendo constantemente acusada e condenada por potências como os Estados Unidos e seus vizinhos regionais.

Nesse cenário, a Coreia do Norte se tornou um país relativamente isolado, estando sujeita a uma série de sanções internacionais, tanto as impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas quanto as sanções unilaterais pelos Estados Unidos, pela União Europeia e outros.

Ainda que esses impasses dificultem o estabelecimento de relações com Coreia do Norte, há de se observar uma tentativa de diálogo e aproximação de alguns países por meio da chamada “diplomacia cultural”. Em linhas gerais, a diplomacia cultural pode ser considerada como um intercâmbio cultural que promove uma maior compreensão sobre uma nação no exterior, promovendo suas atratividades e interatividade com aqueles que a recebem (Mulcahy, 1999).

Para tanto, as autoras consideram que a diplomacia cultural pode ser praticada tanto pelo Estado e seus oficiais, bem como pelo setor privado ou pela sociedade civil (Isar; Triandafyllidou, 2021). É evidente que isso amplia e alarga o conceito. Todavia, as trocas culturais, de ideias, valores, tradições e outros aspectos podem ser ferramentas capazes de fortalecer relacionamentos, aumentar a cooperação sócio-cultural, e aliar-se com os próprios interesses nacionais.

O artigo, assim, busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como as ações de diplomacia cultural da Coreia do Sul e dos Estados Unidos em relação à Coreia do Norte têm influenciado as relações entre esses países? Observando as estratégias de diplomacia cultural de dois países, cujas relações com a Coreia do Norte são marcadas por atritos, este artigo tem por fim compreender como a diplomacia cultural pode servir como ferramenta de aproximação e até mesmo possível caminho para reatamento de laços entre países rivais, competidores ou inimigos.

Observando os dois casos deste artigo, (a) a Coreia do Sul tem como um dos principais pilares da sua diplomacia cultural contemporânea o K-Pop, gênero musical que se originou na Coreia e se tornou um fenômeno global, fazendo parte do que é conhecido como "hallyu" ou "Onda Coreana" — termo referente à crescente popularização da cultura sul-coreana ao redor do mundo a partir da década de 1990. A *hallyu* tem sido amplamente responsável pelo sucesso da projeção da cultura pop e da construção de uma imagem da identidade nacional do país no exterior nas últimas décadas. Para além das exposições culturais nas missões diplomáticas e celebrações tradicionais em embaixadas, a *Korea Week*, os *K-pop World Festivals* e promoções do *Music Bank World Tour* — concerto com diversos artistas sul-coreanos financiado pela *Korean Broadcast System*, emissora pública sul-coreana — cumprem o papel de instrumentos da diplomacia cultural sul-coreana.

Já no caso (b) Estados Unidos, sua diplomacia cultural é pautada no envio das atrações culturais para o exterior, como a dança, a música, os artistas e intérpretes, com os propósitos de apresentar o povo do país e não somente as elites, comunicar os “valores da América”, como liberdade de expressão e uma sociedade baseada na ideia de mérito, atender aos interesses do país anfitrião (Schneider, 2003). Para esse país, apresenta-se a chamada “diplomacia do basquete”, conduzida por atores não-governamentais e de grande relevância para as relações culturais entre Coreia do Norte e Estados Unidos, desde 2013, e também elementar para se compreender a realização das cúpulas e negociações de Donald Trump com Kim Jong Un em 2018-2019.

No presente artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, com base em uma revisão da literatura. Nesse sentido, foram analisados documentos oficiais dos governos/países, notícias e de bibliografia secundária para refletir sobre a diplomacia cultural e as relações entre os países analisados.

Ademais, o artigo trabalha com dois estudos de caso para compreender a diplomacia cultural e seus efeitos nas relações bilaterais entre países. Importante destacar que a escolha dos países segue duas razões principais: (i) Pela prioridade que a Coreia do Norte possui nas agendas de segurança e de política externa desses dois países; e (ii) Pela Coreia do Sul e os Estados Unidos apresentarem políticas específicas para lidar com a Coreia do Norte, com ações particulares voltadas para a questão nuclear ou para a reunificação.

O artigo é dividido em três seções. Na primeira parte, debate-se o conceito de diplomacia cultural. Na segunda seção, dedica-se parte do artigo à apresentação das relações da Coreia do Sul e dos Estados Unidos com a Coreia do Norte. Por fim, na terceira seção, discorre-se sobre a diplomacia cultural direcionada para a Coreia do Norte, com a utilização do K-POP pela Coreia do Sul e do esporte (basquete) pelos Estados Unidos.

1. Diplomacia Cultural em foco

Conforme Ang, Isar e Mar (2015), o termo “diplomacia cultural” é importante para as práticas de política externa dos países na contemporaneidade, tal como no discurso cultural. Porém, muitas vezes, há uma falta de clareza perceptível em como a diplomacia cultural é utilizada, conceituada, os fatores envolvidos nessa diplomacia e a sua relevância. Para os autores (2015), esses questionamentos advêm de uma questão central: a indeterminação que ocorre com a fusão da diplomacia cultural, conceituada como uma prática governamental orientada por interesses, com as relações culturais, impulsionadas por ideais ao invés de interesses e normalmente praticadas por atores não-estatais.

Lessa (2002) conceitua a diplomacia cultural como as ações culturais de inspiração estatal em quaisquer das áreas vinculadas à cultura, como produções culturais, intercâmbios, exposições etc. que beneficiarão o país de origem. É a ação “que promove ou divulga a cultura, programas culturais, instituições culturais ou científicas, ideias ou autores de um país” (Lessa, 2002, p. 15). Portanto, a diplomacia cultural também pode designar um campo político no qual os Estados procuram mobilizar os seus recursos culturais para atingir os objetivos de política externa. A natureza desses objetivos dos Estados e dos contextos culturais mobilizados para alcançá-los foram sujeitos a mudanças históricas dos governos.

A exibição e o intercâmbio cultural sempre desempenharam um papel nas relações entre os povos e, com o surgimento do sistema estatal moderno, essas exibições e trocas culturais se tornaram uma expressão de relações diplomáticas formais. Somente no século XIX, a diplomacia cultural surge no sentido atual, na qual não se trata mais de comunicação entre governantes, mas sim, de expressões da identidade nacional dirigida a um público internacional. (Clarke, 2020).

Uma das funções essenciais da diplomacia cultural é promover a compreensão sobre as realidades de outros países. Nos locais onde há mais recursos para atividades culturais,

pode ocorrer uma unilateralidade na comunicação cultural, e a diplomacia cultural pode ajudar a equilibrar essa dinâmica, fomentando um intercâmbio mais equitativo e diversificado.

A melhor forma de comunicação cultural seria aquela construída sob os alicerces da mutualidade. Isto posto, o universo da diplomacia cultural, incluiria entre outros temas ou ideias: O intercâmbio de pessoas, a promoção de arte e artistas, o ensino de língua, a distribuição integrada de material de divulgação, o apoio a projetos de cooperação intelectual e a mutualidade na programação (Ribeiro, 2011).

É possível perceber, nessa perspectiva, a ligação da diplomacia cultural com a política externa, uma vez que a mutualidade está relacionada aos países defenderem valores semelhantes e intencionarem manter boas relações com o outro.

Para tanto, a diplomacia cultural teria o potencial de contribuir de forma eficaz para os objetivos da política externa de um país, seus propósitos diplomáticos e objetivos governamentais internos e externos. A diplomacia cultural, por meio da apresentação da imagem da nação, poderia superar a suspeita do público em relação às mensagens oficiais e fornecer substância à reputação nacional (Mark, 2009).

Mulcahy (1999) explica a diplomacia cultural como os programas de intercâmbio que buscam facilitar uma maior compreensão sobre a nação promotora, expondo pessoas de outras nacionalidades à diversidade de suas atividades culturais. Assim, programas culturais como intercâmbios docentes e estudantis, produções de artes cênicas, exposições em museus, apresentações de livros e palestras devem ser distinguidos das atividades destinadas a explicar e defender os objetivos políticos de um país no exterior.

Segundo Isar e Triandafyllidou (2021), a diplomacia cultural se tornou um conceito ambivalente com fronteiras indefinidas. Um conceito mais tradicional da diplomacia cultural a vê como uma ferramenta de *soft power*, por meio da qual estados e/ou organizações internacionais buscam objetivos de política externa. Seguindo essa terminologia, a diplomacia cultural estaria limitada aos processos que ocorrem quando diplomatas formais, operando a serviço e em nome de seus governos, utilizam recursos culturais para ajudar a promover os interesses nacionais.

Muitos atores não estatais, organizações não governamentais, artistas e organizações artísticas afirmam praticar a diplomacia cultural, “apesar do fato de que suas relações

profissionais e artísticas com colegas em outros países serem muito mais impulsionadas pelo desejo de colaboração e troca entre pares através das fronteiras” (Isar; Triandafyllidou, 2021, tradução das autoras).

É evidente que esses atores podem possuir motivações próprias, apartadas do interesse nacional, e podem girar inicialmente em torno da “aprendizagem mútua; do compartilhamento de recursos; do co-financiamento; da assistência técnica; da reflexão conjunta, debate, pesquisa e experimentação; e da cooperação em processos criativos, na criação de novas obras artísticas”. (Isar; Triandafyllidou, 2021, tradução das autoras).

Não se pode deixar de considerar, contudo, que pode atuar como agentes culturais comprometidos, em certa medida, com interesses alinhados com o do governo, como debater-se-á no presente artigo. Os agentes culturais podem exercer ações culturais que podem não partir da iniciativa estatal, mas que podem beneficiar o Estado de forma indireta e involuntária por meio de uma promoção positiva da cultura do país (Lessa, 2002). A ação desses agentes via atividades de diplomacia cultural também podem ser usadas para avançar interesses geopolíticos específicos ou para sustentar a política comercial de determinados países.

Por fim, neste artigo, compreende-se a diplomacia cultural como intercâmbios culturais que fomentam uma maior compreensão acerca de um país no exterior. Porém, esse intercâmbio não precisa necessariamente advir de uma iniciativa estatal, ou seja, uma empresa privada ou um ator privado (enquanto agente cultural) pode ser capaz de promover a cultura, os valores e as atratividades do seu país por meio dos atributos culturais que leva ao exterior.

2. As relações internacionais entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul e os Estados Unidos em contexto histórico

A Coreia do Sul e os Estados Unidos são atores de extrema relevância para a Coreia do Norte no contexto internacional. A Coreia do Sul, além de compartilhar sua história com a Coreia do Norte desde o século XI até a divisão da península em 1947, se estabelece como um Estado-nação cujo objetivo principal é a reunificação pacífica com o Norte. (Pritchard, 2005). Por sua vez, os EUA mantêm fortes vínculos bilaterais com a Coreia do Sul e desempenham um papel crucial no arranjo de segurança do Leste Asiático. Nesse sentido, questões que

envolvem as relações das duas Coreias, como a reunificação, podem afetar o papel dos EUA na região (Pritchard, 2005).

As relações intercoreanas e a posição dos EUA representam simultaneamente rivalidade e necessidade de conciliação. Segundo Terry (2013), a Coreia do Norte frequentemente utiliza medidas provocativas contra a Coreia do Sul e os EUA para alcançar seus objetivos estratégicos. No entanto, essas medidas também geram uma urgência para o diálogo e a negociação com esses países. Assim, no cenário internacional, a Coreia do Norte é frequentemente influenciada por suas dinâmicas com a Coreia do Sul e os EUA, o que destaca a importância desses países para a análise.

As relações entre EUA, Coreia do Sul e Coreia do Norte são tensionadas pelas dinâmicas de segurança da região e, sobretudo, desde a própria fundação dos Estados modernos da península. Fruto de interesses da União Soviética e dos EUA, a divisão da península coreana ocorreu logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e a rendição do Japão (Seth, 2020).

Discutida ao longo das rodadas de negociações na Conferência de Yalta e Moscou (1945), a península coreana é separada arbitrariamente em duas partes, a partir do paralelo 38°, com o Norte sob tutela da União Soviética e o Sul sob tutela dos EUA, em um acordo que deveria durar aproximadamente três a cinco anos (Seth, 2020). A divisão é considerada arbitrária por não ter tido qualquer base cultural, histórica ou geográfica para a divisão (Seth, 2020). A divisão foi recebida com desagrado pela população coreana, que, prevendo a derrocada japonesa no fim da Segunda Guerra, já se organizava politicamente com os Comitês Populares e planejava a sua independência.

Sob a presidência de Syngman Rhee (1948-1960) e demais representantes dos Comitês Populares, a República Popular da Coreia foi estabelecida em 6 de setembro de 1945 (Seth, 2020). Porém, mesmo independente, a península não seguia os moldes de sua unidade política pré-existente, unificada desde o século X. Ainda que fossem mantidos os Comitês Populares, as zonas de influência política mantêm a divisão bem delimitada entre o Norte comunista e o Sul capitalista.

Sob a liderança comunista de Kim Il Sung, o Norte se estabelece como República Popular Democrática da Coreia, em 9 de setembro de 1948, após o período de fim da tutela e a retirada da União Soviética da região. O Sul, liderado pelo governo autoritário de Syngman

Rhee, também se estabelece como República Popular da Coreia. A questão da unificação e da legitimidade dos governos, sobretudo no Sul, são colocadas em cheque com o fim do período de tutela. Tanto as lideranças do Norte quanto as do Sul ansiavam pela reunificação e tinham ciência de que a separação seria temporária (Seth, 2011).

A expectativa da reunificação e o desejo de retirada dos EUA da península influenciam o Norte a investir na unificação pela tomada do território até o Sul. Com apoio financeiro da União Soviética e apoio militar da China, em 1950, apenas dois anos após o fim da tutela, a Coreia do Norte invadiu a península coreana com o objetivo de reunificar o território e remover a influência estadunidense na região (Hwang, 2017; Seth, 2020).

A invasão dá início a Guerra da Coreia, em 5 de junho de 1950, com o Norte avançando suas tropas até a cidade de Busan, ao sul da Coreia do Sul, e os EUA intervindo conjuntamente com as Organizações das Nações Unidas em favor do governo sul-coreano de Rhee (Hwang, 2017; Seth, 2020).

A guerra tem consequências devastadoras para ambas as Coreias. Estima-se mais de 750 mil perdas militares e 900 mil civis mortos pela guerra ou consequências diretas do conflito, que perdurou por três anos (Seth, 2020). O cessar fogo assinado em 1953 não encerrou a guerra por completo. As hostilidades militares são encerradas, mas a divisão na península ainda seria o principal demonstrativo de que a guerra não teria seu fim oficial. Esse estado de tensão constante perdura durante toda a Guerra Fria e permeia as relações diplomáticas entre os dois países. Inúmeros episódios de hostilidade marcam as relações entre Coreia do Sul e Coreia do Norte até o final da década de 1980, com tentativas de assassinato de líderes políticos — sendo o caso mais famoso o sequestro do voo YS-11 da *Korean Airlines* por um agente norte-coreano — e acordos de paz frustrados (Hoo, 2011; Hwang, 2017).

De forma semelhante, como consequência, as relações entre EUA e Coreia do Norte ficaram resumidas à inimizade e à desconfiança no período. A modesta comunicação entre os países ocorreu principalmente por meio da Comissão de Armistício Militar ou sob a forma de confrontos descontínuos, como a captura da embarcação militar *USS Pueblo*, em 1968, e o assassinato de dois estadunidenses por soldados norte-coreanos na Área de Segurança Conjunta, em 1976 (Manning, 2002; Luckhurst, 2019).

Na década de 1970, o então secretário de Estado Henry Kissinger levantou a ideia de um “reconhecimento cruzado” em relação à Coreia do Norte, que previa o estabelecimento de relações da China e da União Soviética com a Coreia do Sul, enquanto os EUA e o Japão reconheceram a Coreia do Norte. Todavia, essa ideia não teve efeitos imediatos (Manning, 2002).

Somente a partir dos anos 1990, alguns eventos e mudanças nas políticas entre os países marcarian as relações da Coreia do Norte com a (i) Coreia do Sul e com os (b) EUA. No caso do (a) primeiro, o fim da Guerra Fria e a grave crise econômica na Coreia do Norte, durante a década de 1990, inauguram um novo capítulo nas relações inter-coreanas. Logo em 1991, os dois países assinam o Acordo sobre Reconciliação, Não-agressão, Intercâmbio e Cooperação e, em 1992, foi assinado o Acordo Conjunto de Desnuclearização da Península Coreana (Kim, 2002). Apesar de não ter trazido mudanças significativas, os acordos mostravam uma maior disposição para resoluções diplomáticas e a possibilidade da assinatura de um acordo de paz definitivo.

Além de marcar o processo de democratização da Coreia do Sul, o governo de Roh Tae Woo (1988-1993) é conhecido pela *Nordpolitik*, ou política para o Norte, sendo um dos primeiros governos a adotar uma política externa voltada para a Coreia do Norte (Seth, 2020). Essa doutrina foi uma das primeiras a reduzir o nível de hostilidade entre os países, uma vez que compreendeu que a aproximação indireta de aliados do Norte seria a maior estratégia para seu isolamento (Seth, 2011).

O início dos anos 2000 marcam uma nova guinada na política das Coreias com o início da Política *Sunshine*. O desenvolvimento da Coreia do Sul, na década de 1990, e a crescente disparidade econômica entre as Coreias influenciam o presidente Kim Dae Jung (1998-2003) na adoção de uma doutrina de política externa voltada para a cooperação e restauração das comunicações inter-coreanas (Cumings, 2005; Seth, 2011).

A política tem suas consequências logo após o primeiro encontro entre as lideranças sul e norte-coreanas e o estabelecimento do complexo industrial de *Kaesong*. Ademais, a celebração de acordos econômicos e até uma participação conjunta nas Olimpíadas de Sydney consagram esse novo momento para a diplomacia inter-coreana (Abrahamson, 2000; ABC News, 2000).

Ainda que considerada um avanço na diplomacia inter-coreana, a Política *Sunshine* não é capaz de apaziguar por completo os ânimos entre as Coreias e garantir a assinatura do tão esperado tratado de paz. Incidentes envolvendo ataques militares tanto do Norte quanto do Sul, a partir de 2010, e o início das movimentações públicas do programa nuclear norte-coreano, em 2013, trazem de volta o clima de tensão e ameaça constante entre as Coreias (Seth, 2020).

Em 2017, uma nova tentativa de aproximação da Coreia do Sul marca o retorno da Política *Sunshine*. O esforço do líder norte-coreano Kim Jong Un (2011-presente) e do presidente sul-coreano Moon Jae In (2017-2022) culminam em uma série de encontros diplomáticos, além da Declaração de *Panmunjom* de 2018, que tem como principal objetivo reforçar acordos de cooperação para reunificação, cooperação e demais compromissos com acordos econômicos e os complexos industriais de Kaesong (Taylor, 2018). É justamente durante esses encontros que a diplomacia cultural entra em jogo, como um amortecedor para as negociações mais complexas como os diálogos para a desnuclearização da península.

No caso dos (ii) EUA, o país começou a ser considerado como uma nação relevante para o cálculo estratégico norte-coreano, levando a mudanças consideráveis nas relações entre os países (Manning, 2002; Smith, 2005). A Coreia do Norte passou a adquirir experiência de trabalho com outros membros da comunidade internacional. Apesar da cooperação com outros atores internacionais não ser um processo natural e fácil, isso ajudou a encorajar outros atores, como os EUA, a buscar negociações com a Coreia do Norte (Smith, 2005). No entanto, a dimensão nuclear se tornou um constante ponto de fricção entre os países.

Mesmo com a assinatura da Declaração Conjunta de Desnuclearização da Península Coreana, em 1990, poucos anos depois, a Coreia do Norte anunciou a intenção de se retirar desse acordo, iniciando o lançamento de mísseis balísticos (Figueiredo, 2019). Desde os anos 2000, passou a ser considerada efetivamente como uma ameaça à segurança de outras nações, quando começou a enviar espiões para outros países e utilizar uma retórica mais agressiva em relação aos EUA (Cha & Kang, 2018; Hiraiwa, 2020).

Conforme Chanlett-Avery e Rinehart (2012), as negociações sobre o programa de armas nucleares norte-coreano consumiram os esforços diplomáticos de três administrações estadunidenses, os governos Clinton (1993-2001), Bush (2001-2009) e Obama (2009-2017).

Durante o governo Clinton, foram utilizados incentivos e ameaças no esforço de influenciar a Coreia do Norte a abandonar o programa de armas nucleares. No entanto, essas políticas não obtiveram sucesso (Berry, 1995).

Durante o governo Bush, as relações entre os EUA e a Coreia do Norte se agravaram pelo avanço do programa nuclear e da capacidade dos mísseis balísticos norte-coreanos, assim como pela retórica de prevenção do “eixo do mal” utilizada por esse governo, na qual a Coreia do Norte era incluída (Quinones, 2003).

Durante o governo Obama, as negociações com a Coreia do Norte passaram de conversações predominantemente bilaterais para multilaterais, incluindo atores como a China, o Japão, a Rússia e a Coreia do Sul (Chanlett-Avery & Rinehart, 2012). A partir das negociações multilaterais, foram alcançados alguns acordos que estabeleciam apoio e reconhecimento para a Coreia do Norte em troca da desnuclearização. No entanto, diversas questões produziram barreiras para a efetivação dos acordos, como ataques a um navio militar sul-coreano, em 2010, e a morte do até então líder da Coreia do Norte, Kim Jong-il em 2011.

Em 2012, os EUA buscaram acordos bilaterais com a Coreia do Norte envolvendo a prestação de ajuda e o congelamento de algumas atividades militares. No entanto, esses esforços foram encerrados em abril do mesmo ano quando a Coreia do Norte tentou lançar um míssil (Chanlett-Avery & Rinehart, 2012).

3. A Diplomacia Cultural da Coreia do Sul e dos Estados Unidos para a Coreia do Norte

Observa-se que as relações da Coreia do Sul e dos EUA com a Coreia do Norte são permeadas por desavenças e debates na esfera de segurança. Porém, existe uma dinâmica relevante e pouco debatida nas Relações Internacionais – os vínculos culturais que buscam promover a compreensão entre estas nações. No século XXI, alguns projetos vinculados à diplomacia cultural foram lançados pelo governo sul-coreano e estadunidense, com o intuito de estimular laços relativamente mais amistosos entre as nações: a utilização do pop sul-coreano pelo governo e a chamada “diplomacia do basquete”, promovida por atores não-governamentais dos EUA.

3.1 *K-wave*, *K-pop* e a Coreia do Norte

A promulgação do Ato da Diplomacia Pública, em 2016, lançou as bases para formulação e a compreensão da diplomacia cultural na Coreia do Sul. Com a visão principal de projetar a Coreia do Sul como um ator que contribui para a promoção de liberdade, paz e prosperidade global, além de objetivos de posicionar o país como um centro de excelência em tecnologia, cultura e ciência, a diplomacia cultural emerge como uma das principais responsabilidades da diplomacia pública sul-coreana (República da Coreia, 2024).

A diplomacia cultural sul-coreana tem como foco a divulgação das atrações culturais do país, a elevação da imagem nacional por meio de bens culturais e o fortalecimento da comunicação bidirecional por meio do intercâmbio cultural. Essa divulgação abrange meios físicos, como promoção de exposições artísticas e tradicionais, bem como elementos mais contemporâneos, como os ‘*E-sports*’, os *K-dramas* e *K-pop*.

A *K-wave*, conhecida também como *Hallyu* — neologismo que une as palavras “onda” e “Coreia” em chinês —, pode ser conceituada atualmente como um entusiasmo sobre elementos ligados à cultura sul-coreana ou o fenômeno de popularidade da cultura coreana no Leste Asiático, o qual inclui música, dramas, jogos, moda, animações, gastronomia e entre outros (Sin, 2002; Kim, 2007; Geun, 2009; Milanowitsch, 2017).

O termo surge ainda na década de 1990, na China, para se referir à popularidade do show do grupo de *K-pop* sul-coreano H.O.T., em 2002, e ganha notoriedade com a expansão da indústria cultural sul-coreana por demais países do Leste e Sudeste asiático, como Tailândia, Japão, Mongólia e Vietnã (Geun, 2009). Apesar das novelas serem um dos primeiros produtos de exportação da *K-wave*, a *hallyu* não se reduz somente a este elemento.

Com o recente *marketing* e a diversificação de produtos culturais exportados, a *K-wave* tem-se expandido para um público ainda mais diverso e moldado opiniões e percepções sobre a Coreia ao redor do mundo. A indústria cultural sul-coreana, nesse sentido, tem sido um importante braço da projeção de poder sul-coreana e transformado a cultura coreana em um produto de consumo em massa.

Sua popularidade envolve fatores externos, peculiares a cada país que a *K-wave* está presente. Mas, também, fatores internos cruciais para o fortalecimento da indústria cultural sul-coreana. Destacam-se, entre esses fatores, as leis de proteção intelectual e direito de propriedade que valorizavam produtos feitos na Coreia do Sul; o incentivo financeiro de conglomerados empresariais — *chaebols* — e do Ministério da Cultura durante a era Kim

Dae Jung, além do próprio contexto econômico e democrático da Coreia do Sul, que garantia liberdade artística e o fim da censura (Geun, 2009; Oh & Lee, 2014)

O *K-pop*, um dos produtos de maior exportação da *K-wave*, segue um modelo contrário de desenvolvimento comparado à indústria de dramas e filmes. Fruto de uma crescente demanda interna de músicas coreanas nas rádios, durante a década de 1990, a indústria do *K-pop* se estabelece ao longo da década à medida que incorpora elementos da música estadunidense, como o *rap*, o *R&B*, o *hip-hop* e a *dance music* (Geun, 2009).

Em 1992, com a estreia da *boy band* sul-coreana *Seo Taiji and Boys*, a música popular coreana se transforma, com a experimentação de ritmos, dança e do fator visual em seus artistas, contrastando com os tradicionais artistas da música tradicional coreana, ou *kayo*, traduzido literalmente para música, referente aos ritmos do *chonsan*, trote e baladas, importados do Japão e dos EUA durante as décadas de 1940 e 1950 (Oh & Lee, 2014). Porém, contrastando com os incentivos da indústria de dramas e filmes, o *K-pop* tinha dificuldades de se estabelecer no próprio país.

O início do *K-pop*, na década de 1990, é marcado pela limitação de oportunidades na mídia, a pirataria e a falta de incentivo do governo, que reduziram sua potencialidade apesar de uma alta demanda interna (Oh & Lee, 2014). Essa limitação induz a indústria do *K-pop* a buscar alternativa nos mercados vizinhos, sobretudo no Japão, com suas fortes leis antipirataria, para que pudesse consolidar-se no exterior e vencer os desafios do mercado interno sul-coreano, em um movimento de conquista “de fora para dentro”. Esse fator, aliado à (i) liberdade artística recém adquirida pelo fim da censura, (ii) ao banimento de músicas estrangeiras, (iii) e ao desenvolvimento da internet, da indústria da música digital e dos serviços de *streaming* televisivo, lançam o *K-pop* para o mercado exterior e o tornam um produto de sucesso global.

O grande incentivo econômico feito pelo Ministério da Cultura nos últimos anos, com o salto de 1.8 milhão de dólares para 280 milhões de dólares para a *Hallyu*, somente no ano de 2013, demonstram que a *K-wave*, e o próprio *K-pop* se tornaram importantes ferramentas de exportação de cultura e imagem da Coreia do Sul (Oh & Lee, 2014; Chung, 2018).

A transnacionalidade da indústria do *K-pop*, a popularidade de artistas como BTS – o primeiro grupo de *K-pop* a alcançar a *Billboard 100 Top Artists*, *Hot 100* e *Billboard 200 Charts* — (Billboard, 2012); o PSY — responsável pelo primeiro vídeo com mais de dois

bilhões de visualizações no *YouTube*, com o maior número de *views* em um vídeo na plataforma —; e o *Twice*, o tornam importante para a diplomacia cultural sul-coreana e para a formação da identidade nacional da Coreia do Sul pelo mundo (Kwon & Kim, 2014).

Como parte da identidade nacional sul-coreana e principal expoente de sucesso econômico e político, o *K-pop* é por vezes instrumento político para coerção ou diálogo com países vizinhos. Como visto no caso do banimento de artistas sul-coreanos na China, durante as negociações sobre o Terminal de Defesa de Alta Altitude (*Terminal High Altitude Area Defense - THAAD*, em tradução livre), o *K-pop* também é uma ferramenta de troca política usado contra a Coreia do Sul ou pelo próprio governo sul-coreano (Milanowitsch, 2017).

Boa parte dessas ações, inclusive, são direcionadas para a Coreia do Norte, na tentativa de promover o estilo de vida capitalista sul-coreano no Norte. O período de 2015 a 2017, aliás, é marcado por intensos diálogos entre as Coreias, passando por um momento de profundo tensionamento com incidentes envolvendo o exército de ambos os países — com hostilidades na fronteira e evacuação de residentes sul-coreanos na DMZ—, o quinto teste nuclear da Coreia do Norte e a adoção de uma retórica mais incisiva pela Coreia do Sul, inclusive afirmando ter planos de aniquilar o líder norte-coreano (BBC, 2015; Hancocks, 2016).

As relações inter-coreanas no momento se mostraram frágeis e ligadas apenas às negociações para frear os constantes picos de tensão. Somente a partir de 2017, com o governo Moon Jae In (2017-2022), é que um canal de diálogo para cooperação é reaberto, mesmo que momentaneamente.

Entre os casos mais conhecidos de utilização do *K-pop* como instrumento político, três ações se destacam pelo intuito e por contextos diferenciados. Primeiro, a utilização dos alto-falantes direcionados para a Coreia do Norte na DMZ, utilizados desde a década de 1950 e retomados em 2015, com o objetivo direto de atacar o Norte e utilizar o *K-pop* como propaganda do modelo político e econômico presente na Coreia do Sul (Milanowitsch, 2017; Tan, 2018). A iniciativa pressiona os soldados do Norte a entrarem em contato com as mídias sul-coreanas, proibidas pelo governo norte-coreano, e desafia a política isolacionista da Coreia do Norte para com o Ocidente e o sul da península.

Além da propaganda com os alto-falantes, considerada uma ameaça direta pela Coreia do Norte, a Coreia do Sul, em segundo, utiliza o *K-pop* como propaganda em meios

diplomáticos a partir de shows “para a paz na península” e concertos com autoridades norte-coreanas. Os chamados “DMZ *Concerts*” se concentram na cidade de Paju, em uma zona turística chamada *Nuri Peace Park*. Eles são realizados anualmente desde 2011 durante o feriado do Dia da Libertação Nacional (BBC News, 2017).

O concerto, produzido pelo conglomerado de mídia sul-coreano MBC e financiado pelo Ministério da Unificação sul-coreano, tinha como objetivo promover a paz e encorajar a solução dos conflitos entre as Coreias, por meio do intercâmbio cultural. Ainda que voltado para o público sul-coreano, o festival deriva de uma tentativa anterior de criar um evento de música conjunto entre as Coreias — intitulado *International Music Concert for Peace* — ainda durante a década 2000, em *Pyongyang* (Kyo-Yong, 2003). Mesmo cancelado, em 2003, pelas desavenças financeiras entre os países, o festival destacava a potencialidade da música para estreitar os laços entre as Coreias e fornecer um canal de diálogo diplomático por meio das trocas culturais.

O terceiro, e mais recente caso de utilização do *K-pop* como instrumento diplomático ocorreu em 2018, durante as negociações da Declaração de *Panmunjom*. O chamado período de “descongelamento” das relações entre as Coreias, no ano de 2018, incentiva a elaboração do primeiro concerto artístico conjunto entre as Coreias, intitulado *Spring is Coming*, ou a primavera está chegando em tradução livre (Kim & Yang, 2018). Com apresentações de artistas solo sul e norte-coreanos, além de grupos de *K-pop* como o *Red Velvet* e demonstrações de *taekwondo*, o concerto foi dividido em dois dias e dois teatros na Coreia do Norte e na Coreia do Sul.

Como reportado pela *Korean Central News Agency*, o próprio líder norte-coreano Kim Jong Un reconhecia a potencialidade da música como forma de união entre as Coreias e teria “se comovido pelo povo norte-coreano aprofundar sua compreensão da cultura popular sul-coreana” (Yonhap News, 2018). A ideia de utilizar a música como forma de aproximação entre as Coreias, durante o *Spring Concert*, garantiu uma importante troca diplomática e permitiu uma aproximação mais amigável e um diálogo, mesmo que superficial, para a paz.

3.2 A Diplomacia do basquete dos EUA

Em 2000, o até então presidente da Coreia do Norte, Kim Jong-il, recebeu da secretaria de Estado dos EUA, Madeleine Albright, uma bola de basquete autografada por Michael Jordan.

Essa peça é mantida até hoje na Exposição Internacional da Amizade da Coreia do Norte (BBC, 2018). O basquete é um dos esportes mais populares do mundo e seu maior contingente de público está localizado em países como Canadá, China e EUA.

Nos EUA, o basquete é o segundo esporte mais consumido, somente atrás do futebol americano. A liga de basquete dos Estados Unidos, a *National Basketball Association* (NBA) é a mais assistida do mundo e é onde se encontram os jogadores mais conhecidos do esporte. O caso de 2000 não é o único da chamada “diplomacia do basquete” dos EUA. Por exemplo, após a chamada “diplomacia do *ping-pong*” entre os EUA e a China ser bem-sucedida, foi iniciada a “diplomacia do basquete”, na China, a partir de 1979, quando a equipe da NBA *Washington Wizards* foi convidada para fazer uma visita histórica ao país e realizar partidas amistosas contra a seleção de basquete chinesa (Buckner, 2017; Weng, 2021).

A “diplomacia do *ping pong*”, mobilizada a partir do Estado, ocorreu quando a Federação de Tênis de Mesa dos EUA aceitou um convite da Federação chinesa para jogar uma série de partidas de tênis de mesa exibicionais na China. Esse ato foi considerado um divisor nas relações entre os dois países, fundamental para o restabelecimento oficial das relações diplomáticas (Carter; Sugden, 2012). A forma como a “diplomacia do basquete” foi direcionada para a Coreia do Norte é muito distinta do caso chinês, todavia, é o exemplo mais bem-sucedido de diplomacia cultural dos EUA para a Coreia do Norte.

Na Coreia do Norte, o esporte foi amplamente explorado durante o período de formação do Estado comunista coreano. Enquanto a Revolução Comunista ocorria, o líder do Partido dos Trabalhadores Coreanos, Kim Il-sung, enfatizou a importância da educação física como um meio de melhorar a saúde pública e, assim, desenvolver um indivíduo comunista fisicamente forte (Lee & Bainer, 2009).

Para Merkel (2012), o Estado norte-coreano procura apropriar-se do cenário esportivo global para melhorar a imagem e reputação do país, promover uma identidade étnica pan-coreana e como instrumento de política externa. Além disso, existem vários elementos da cultura esportiva global que entraram no domínio da cultura popular norte-coreana, sem que o Estado procure controlá-los meticulosamente. Portanto, o regime político aparentemente não considera o esporte como um risco para a sua base de poder e seguimento dos objetivos políticos (Merkel, 2012).

Com o esporte mais popular do país, o futebol, há um incentivo de transmitir algumas ligas de futebol europeias e campeonatos pela televisão do país — mas não ao vivo — e os resultados dos jogos são divulgados pelo jornal estatal (Watts, 2010; Merkel, 2012). Segundo Merkel (2012), o bom desempenho da seleção sul-coreana na Copa do Mundo de 2002 foi noticiado pela mídia norte-coreana, uma rara demonstração de nacionalismo que supera as diferenças políticas entre os dois países. Assim, o esporte tem grande importância na Coreia do Norte e justifica a forma de aproximação cultural dos EUA com o país.

No caso do basquete, é um esporte praticado em locais de trabalho, de produção e está presente na programação de atividades durante os feriados norte-coreanos. Além disso, a liderança da Coreia do Norte demonstra proximidade com o esporte. Kim Jong-Un é relatado como um entusiasta do basquete e pessoas que conviveram com ele durante seu período na Suíça afirmam que ele costumava jogar basquete e vestir um moletom da equipe *Chicago Bulls*. O pai de Kim Jong-Un, Kim Jong Il, também seria um fã do esporte e teria solicitado aos EUA uma visita do jogador Michael Jordan ao país (Palmeri, 2019). A partir do governo Obama, funcionários do departamento de Estado dos EUA passaram a considerar enviar jogadores de basquete para a Coreia do Norte para impulsionar os esforços diplomáticos (Shultz, 2021).

Em 2013, a equipe estadunidense *Harlem Globetrotters*, que viaja ao mundo fazendo jogos performáticos de basquete, foi para a Coreia do Norte para uma partida contra a seleção de basquete local. O ex-jogador de basquete Dennis Rodman, que jogou no *Chicago Bulls*, compareceu ao jogo e se aproximou de Kim Jong-Un. A partir disso, passaram a ocorrer mais partidas de basquete exibicionais no país e visitas de Dennis Rodman, que considera Kim-Jong Un “um amigo”.

Apesar de Rodman ter feito declarações sobre estar interessado no basquete, como ajudar a Coreia do Norte a criar a própria liga, e não na diplomacia, isso influenciou questões diplomáticas. A libertação de Kenneth Bae, um missionário estadunidense condenado a 15 anos de prisão por espionagem na Coreia do Norte, teria ocorrido em parte a pedido de Rodman a Kim Jong-Un (Yan & Mullen, 2013). Além disso, o ex-jogador teria fornecido informações para a imprensa, como o desejo de Kim Jong-Un de conversar com Obama para evitar um conflito (Rea, 2013).

O momento mais significativo do vínculo estabelecido entre Rodman e Kim Jong-Un por meio do basquete, contudo, ocorreu durante o governo Trump (2017-2021), no qual Rodman teria exercido um papel importante na melhora das relações entre os dois líderes. Conforme Gelston, Colvin e Kim (2018), o conhecimento e o vínculo de Rodman com essas duas autoridades teriam facilitado a aproximação entre elas, culminando na realização da Cúpula entre os EUA e a Coreia do Norte, ocorrida em Singapura, em 2018, e resultando no comprometimento da Coreia do Norte com o processo em prol da desnuclearização (Liy, 2019).

Apesar do papel de Rodman na aproximação entre os líderes, que culminou na Cúpula, a Casa Branca declarou que o ex-jogador não estava envolvido nas negociações (Phelps, 2018). Além disso, as viagens de Rodman para a Coreia do Norte e para a Cúpula em Singapura não tiveram a participação de atores governamentais e foram patrocinadas por empresas privadas. A viagem para a Coreia do Norte, em 2017, assim como a viagem para Singapura, foi patrocinada por uma empresa de moeda digital que defendeu que Dennis Rodman deveria receber um prêmio de paz pelo papel desempenhado na aproximação entre Trump e Kim Jong-Un (Phelps, 2018). Portanto, a diplomacia do basquete foi uma iniciativa não-governamental, mas que foi capaz de apoiar o diálogo entre os dois governos.

Apesar do ex-jogador ter enfatizado em vários momentos que o basquete era a real prioridade das suas visitas à Coreia do Norte, o basquete produziu vínculos mais amplos entre os países. Após o avanço nos diálogos durante a primeira cúpula entre os países em 2018, Jong-Un e Trump voltaram a se reunir em Hanói, no ano seguinte. A segunda cúpula foi finalizada sem um acordo entre as partes, mas com uma declaração de Trump de que as suas diferenças com Kim Jong-Un haviam sido reduzidas, ainda que suas visões fossem discordantes. Além disso, a porta-voz dos EUA, Sarah Sanders, informou que as equipes dos dois lados pretendiam manter as reuniões no futuro (Opera Mundi, 2019). Ainda que as negociações realizadas nessas cúpulas não tenham produzido efeitos imediatos (Liy, 2019), demonstraram uma maior receptividade para o diálogo entre os países.

Considerações Finais

Vista como um instrumento facilitador de diálogos, a diplomacia cultural, por vezes, apresenta resultados significativos pouco explorados dentro do campo de Relações

Internacionais. Ao se considerar a Coreia do Norte e suas relações com a Coreia do Sul e os EUA como exemplo, destaca-se como a diplomacia cultural transcende as esferas usuais da política externa, tendo um potencial significativo para impulsionar negociações diplomáticas.

Embora as relações conflituosas entre os três países não sejam substancialmente modificadas pelo intercâmbio cultural, persistindo desavenças políticas, percepções de ameaça e desacordos que dificultam a normalização das relações externas, o intercâmbio cultural por meio do esporte e da música tem sido um facilitador do diálogo entre essas nações, proporcionando um ponto de concordância em meio a décadas de hostilidades.

Na relação entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte, a utilização do *K-pop* se torna um recurso cultural para promoção de concertos em nome da paz na península. Já na relação entre os EUA e a Coreia do Norte, o basquete se torna um ponto de ligação interessante para ambos, convertendo-se em um canal de comunicação e troca diplomática. Assim sendo, a diplomacia cultural se apresenta como uma ferramenta capaz de estabelecer vínculos, mesmo que sutis, para além das dimensões tradicionais de poder.

Referências

- ABC NEWS. (2000). **Korea March to Olympics Together**. Disponível em: [<https://abcnews.go.com/Sports/story?id=100609&page=1>]. Acesso: 20/02/2024.
- ABRAHAMSON, Alan. (2000). **Korea March as One in Sydney at Opening Cerimony of Olympics**. Disponível em: [<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2000-sep-16-mn-21930-story.html>]. Acesso: 20/02/2024.
- ANG, Ien; ISAR, Yudhishthir Raj; MAR, Phillip. (2015). Cultural diplomacy: beyond the national interest?. **Cultural Diplomacy: Beyond the National Interest?**, 21 (4): 11-27.
- BBC NEWS. (2015). **South Korea evacuation after shelling on western border**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-34001126>>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- BBC NEWS. (2017). **The K-pop concert seeking to broker Korean peace**. Disponível em: [<https://www.bbc.com/news/world-asia-40859175>]. Acesso: 24/02/2024.
- BBC. (2018). **Como o polêmico ex-jogador de basquete Dennis Rodman pode ter aproximado Trump e Kim Jong-un**. Disponível em: [<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44410604>]. Acesso: 29 /01/2024.
- BERRY, William E. (1995). **North Korea's nuclear program: the Clinton administration's response**. Collingdale: DIANE Publishing.
- BILLBOARD. (2012). **BTS First Group Rule Artist 100, Hot 100 and Billboard 200 Charts**. Disponível em: <https://www.billboard.com/pro/bts-first-group-rule-artist-100-hot-100-billboard-200-charts/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BUCKNER, Candace. (2017). **The Wizards' ties to China stretch back nearly 40 years, to the days of the Bullets**. Disponível em: [<https://www.washingtonpost.com/news/wizards-insider/wp/2017/10/01/the-wizards-ties-to-china-stretch-back-nearly-40-years-to-the-days-of-the-bullets/>]. Acesso: 03/02/2024.

CARTER, Thomas F.; SUGDEN, John. (2012). The USA and sporting diplomacy: comparing and contrasting the cases of table tennis with China and baseball with Cuba in the 1970s. **International Relations**, 26 (1): 101-121.

CHA, Victor; KANG, David C. (2018). **Nuclear North Korea: a debate on engagement strategies**. Nova York: Columbia University Press.

CHANLETT-AVERY, Emma; RINEHART, Ian E. (2012). **North Korea: US Relations, Nuclear Diplomacy, and Internal Situation**. Washington, D.C.: Congressional Research Service.

CHUNG, Ka Young. (2018) Media as soft power: the role of the South Korean media in North Korea. **The Journal of International Communication**, 25 (1): 2-21.

CLARKE, David. (2020). **Cultural Diplomacy**. Oxford: Oxford University Press.

CUMINGS, Bruce. (2005). **Korea's Place in the Sun: A Modern History**. New York: W. W. Norton & Company.

FIGUEIREDO, Danniell. (2019). **Estados Unidos e Coreia do Norte: entenda a relação!** Disponível em: [<https://www.politize.com.br/estados-unidos-e-coreia-do-norte>]. Acesso: 27/01/2024.

GELSTON, Dan; COLVIN, Jill; KIM, H. (2018). **'I'm so happy': Dennis Rodman weeps as trump and kim meet. Dennis Rodman weeps as Trump and Kim meet**. Disponível em: [<https://apnews.com/article/4b95bd7fae834ca7aeea0aed699f392a>]. Acesso: 04/02/2024.

GEUN, Lee. (2009). A soft power approach to the "Korean Wave". **The Review of Korean Studies**, 12 (2): 123-137.

GILBOA, Eytan. (1998). Media diplomacy: conceptual divergence and applications. **Harvard International Journal of Press/Politics**, 3 (3): 56-75.

HANCOCKS, Paula. (2016). **South Korea reveals it has a plan to assassinate Kim Jong Un**. Disponível em: [<https://edition.cnn.com/2016/09/23/asia/south-korea-plan-to-assassinate-kim-jong-un/index.html>]. Acesso em: 24 fev. 2024.

HIRAIWA, Shunji. (2020). Japan's policy on North Korea: four motives and three factors. **Journal of Contemporary East Asia Studies**, 9 (1): 1 -17.

HOO, Lee Tae. S. (2011). **Korea raided North with captured agents in 1967**. Disponível em: [https://www.koreatimes.co.kr/www/news/nation/2011/02/116_80936.html]. Acesso: 10/02/2024.

HWANG, Kyung Moon. (2017). **A History of Korea**. London: Palgrave.

ISAR, Yudhishthir Raj; TRIANDAFYLLIDOU, Anna. (2021). Introduction to this Special Issue Cultural Diplomacy: What Role for Cities and Civil Society Actors?. **International journal of politics, culture, and society**, 34, 393-402.

KIM, Samuel. (2002). North Korea and Northeast Asia in world politics. In: KIM, Samuel; HWAN LEE, Tai (ed.). **North Korea and Northeast Asia**. Lanhan: Rowman & Littlefield Publishers, 3-58.

KIM, Christine; YANG, Heekyong. (2018). **North Korea's Kim Jong Un, wife, watch South Korean K-pop stars perform in Pyongyang**. Disponível em: [<https://www.reuters.com/article/us-northkorea-missiles-southkorea-perfor/north-koreas-kim-jong-un-wife-watch-south-korean-k-pop-stars-perform-in-pyongyang-idUSKCN1H81A5/>]. Acesso: 24/02/2024.

KIM, Jeongmee. (2007). Why does hallyu matter? The significance of the Korean wave in South Korea. **Critical Studies in Television: The International Journal of Television Studies**, 2 (2), 47–59.

KWON, Seung-Ho; KIM, Joseph. (2014). The Cultural Industry Policies of the Korean Government and the Korean Wave. **International Journal of Cultural Policy**, 20 (4): 422-439.

KYO-YONG, Jung. (2003). **Inter-Korean Peace Concert Canceled**. Disponível em: [<https://koreajoongangdaily.joins.com/news/article/Article.aspx?aid=1875814>]. Acesso: 24/02/2024.

LEE, Jung Woo; BAINER, Alan. (2009). The difficult dialogue: communism, nationalism, and political propaganda in North Korean sport. **Journal of Sport and Social Issues**, 33 (4): 390-410.

LESSA, Mônica. (2002). Relações Culturais Internacionais. In: MENEZES, Lená; ROLLEMBERG, Denise; MUNTEAL FILHO, Oswaldo (org.). **Olhares sobre o político: novos ângulos, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: UERJ, p. 11-25.

LIY, Macarena. (2019). **Kim Jong-un e Donald Trump, otimistas no começo de sua segunda cúpula**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/internacional/1551270427_493349.html]. Acesso: 04/02/2024.

LUCKHURST, Toby. (2019). **A poda de árvore que quase causou guerra entre EUA e Coreia do Norte**. Disponível em: [<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49416198>]. Acesso: 15/02/2024.

MANNING, Robert. (2002). United States-North Korean Relations: From Welfare to Workfare?. In KIM, Samuel; HWAN LEE, Tai (eds.). **North Korea and Northeast Asia**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 61-88.

MARK, Simon. (2009). **A greater role for cultural diplomacy**. Clingendael: Netherlands Institute of International Relations.

MERKEL, Udo. (2012). Sport and physical culture in North Korea: Resisting, recognizing and relishing globalization. **Sociology of Sport Journal**, 29 (5): 506-525.

MILANOWITSCH, Bianca. (2017). Mapping the presence of the Korean wave in North Korea. **International Quarterly for Asian Studies**, 48 (3-4): 273–284.

MULCAHY, Kevin V. (1999). Cultural diplomacy and the exchange programs: 1938–1978. **The Journal of Arts Management, Law, and Society**, 29 (1): 7-28.

OH, Ingyu; LEE, Hyo-jung. (2014). K-pop in Korea: how the pop music industry is changing a post-developmental society. **Cross-currents: East Asian History and Culture Review**, 3 (3): 72-93.

OPERA MUNDI. (2019). **Cúpula entre Kim e Trump no Vietnã termina sem acordo e antes do previsto**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/cupula-entre-kim-e-trump-no-vietna-termina-sem-acordo-e-antes-do-previsto/>> Acesso em: 13 de junho de 2024.

PALMERI, Tara. (2019). **Kim Jong Un wanted 'famous' US basketball players as part of denuclearization deal**. Disponível em: [<https://abcnews.go.com/Politics/kim-jong-wanted-famous-us-basketball-players-part/story?id=62920773>]. Acesso: 03/02/2024.

PARK, Han S. (2000). North Korean perceptions of self and others: Implications for policy choices. **Pacific Affairs**, 73 (4): 503-516.

PHELPS, Jordyn. (2018). **White House shoots down Rodman playing a role in North Korea summit**. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/white-house-shoots-rodman-playing-role-north-korea/story?id=55719111>> Acesso em: 06 de junho de 2024.

PRITCHARD, Charles L. (2005). Korean Reunification: implications for the United States and Northeast Asia. **January**, 13: 7.

QUINONES, C. Kenneth. (2003). Dualism in the Bush Administration's North Korea Policy. **Asian Perspective**, 27 (1): 197-224.

REA, Kari. (2013). **Dennis Rodman: Kim Jong Un Wants President Obama to 'Call Him'**. Disponível em: [<https://abcnews.go.com/blogs/politics/2013/03/dennis-rodman-kim-jong-un-wants-president-obama-to-call-him>]. Acesso: 04/02/2024.

REPÚBLICA DA COREIA. (2024). **Policy Information: Public Diplomacy Policies of the Republic of Korea**. Disponível em: [https://www.mofa.go.kr/eng/wpge/m_22844/contents.do]. Acesso: 29/04/2024.

RIBEIRO, Edgard T. (2011). **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

SCHNEIDER, Cynthia. (2003). **Diplomacy that works: 'Best practices' in cultural diplomacy**. Washington, DC: Center for arts and culture.

SETH, Michael J. (2011). North Korea's 1990s famine in historical perspective. **Education about Asia**, 16: 25.

SETH, M. J. (2020). **A history of Korea: from antiquity to the present**. Laham, Md: Rowman & Littlefield.

SHULTZ, Alex. (2021). **President Obama reportedly considered sending now-Warriors coach Steve Kerr to North Korea to hoop with Kim Jong-un**. Disponível em: [<https://www.sfgate.com/warriors/article/Obama-Kerr-Warriors-North-Korea-Kim-16717635.php>]. Acesso: 03/02/2024.

SIN, Yun Hwan. (2002). The phenomenon of the Korean wave in East Asia: a comparative analysis and evaluation. **Donga Yeongu**, 42: 5-34.

SMITH, Hazel. (2005). **Hungry for peace**: International security, humanitarian assistance, and social change in North Korea. Washington: US Institute of Peace Press.

TAN, Yvette. (2018). Disputa de mastros e alto-falantes com K-pop: as pequenas picuinhas do conflito entre as Coreias. Disponível em: [<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43887663>]. Acesso: 24/02/2024

TAYLOR, Adam. (2018). **The Panmunjon declaration full text of agreement between north and south korea**. Disponível em: [<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/04/27/the-panmunjom-declaration-full-text-of-agreement-between-north-korea-and-south-korea/>]. Acesso: 20/02/2024.

TERRY, Sue Mi (2013). North Korea's Strategic Goals and Policy towards the United States and South Korea. **International Journal of Korean Studies**, 17 (2): 63-92.

WATTS, Jonathan. (2010). **World Cup 2010: Why North Korea are in a league of their own**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2010/jun/20/north-korea-world-cup-army>> Acesso em: 06 de junho de 2024.

WENG, Jiayu. (2021). **The cultural politics of the NBA and China: understanding the daryl morey incident**. Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação, Arte e Tecnologia da Simon Fraser University (Orientadora: Dra Yuezhi Zhao).

YAN, Holly; MULLEN, Jethro. (2013). **Dennis Rodman asks Kim Jong Un to let U.S. citizen go**. Disponível em: [<https://edition.cnn.com/2013/05/08/world/asia/north-korea-rodman-plea>]. Acesso: 03/02/2024.

YONHAP NEWS. (2018). **N.K. leader says S. Korean musicians' gigs could show unity of Koreas**. Disponível em: [<https://en.yna.co.kr/view/AEN20180402001052315>]. Acesso: 26/02/2024.